

Anuário 2019 colóquios da lusofonia

Há que perceber que estas datações absolutas realizadas na Terceira correspondem a uma datação “*terminus ante quem*”, ou seja, correspondem a idades mínimas de um objeto ou estrutura, que pode ser coincidente também com a idade do próprio objeto ou estrutura. Relativamente à ocupação pré-portuguesa na ilha do Pico é possível garantir também que há pelo menos 1100 anos esteve aí instalada uma comunidade que produzia cereais e criava animais.

Quanto à ilha de São Miguel, as datações absolutas não chegam tão longe, como nas ilhas Terceira e Pico, mas apontam claramente para a presença de uma comunidade produtora de cereais com pastorícia, há pelo menos 750 anos.

Não há nenhuma razão aparente para se encontrarem tão grandes diferenças cronológicas entre a presença humana pré-portuguesa nas ilhas aqui referidas, como aquelas que as datações absolutas apontam, pois tais diferenças podem resultar apenas da intensidade de investigação. A proto-história e pré-história dos Açores abrem novas perspetivas para a compreensão da dispersão da humanidade em períodos muito arcaicos, por isso se entende que o arquipélago açoriano está neste momento na senda de um novo paradigma mundial.

Referências Bibliográficas

- Alves, J. Armas (1996), Uma estranha moeda de prata achada na ilha do Corvo. *A União*, 27 de novembro, pp. .9.
- Boer, Erik; Rull, Valen; van Leeuwen, Jacqueline; Amaral-Zettler, Linda; Bao, Roberto; Birlo, Stella; Gonçalves, Vítor; Hernández, Armand; Martín-Puertas, Celia; Pla-Rabes, Sergi; Pueyo, Juan; Raposeiro, Pedro; Richter, Nora; Saez, Alberto; Trigo, Ricardo e Giral, Santiago (2018), Early human impact in the Azores: A Late Holocene high-resolution paleoecological analysis from Lake Peixinho, Pico Island, Portugal. *IPA-IAL 2018 Joint Meeting abstracts: Unravelling the Past and Future of Lakes*. Stockholm. Stockholm University.
- Classical Numismatic Group (2006), Cn. Lucretius Trio. 136 B.C. AR Denarius. TRIO, helmeted head of Dea Roma, X before Dioscuri r.; below, CN. LVCR.; ROMA in ex. Bab 1 Syd 450, Cr237/1. Página consultada a 5 de janeiro de 2017. <http://www.cngcoins.com>.
- Goes, Damiam (1724), *Chronica do Príncipe D. Joam*. Lisboa, Officina da Musica.
- Liščák, Vladimír (2017), “Mapa mundi (Catalan Atlas of 1375), Majorcan cartographic school, and 14th century Asia”. *Proceedings of the International Cartographic Association*, 1, 1-8.
- Mendes, Armando (2018), Entre o carro de bois e o avião: Uma pequena comunidade no centro de uma rivalidade global. Angra do Heroísmo, Instituto Histórico da Ilha Terceira.
- Podolyn, Johan (1778), Några Anmärkingnar om de Gamles Sjöfart, i anledning af några Carthaginensiska och Cyrenaiska Mynt, fundne år 1749, på en af de Azoriska Öarne. *Det Götheborgska Wetenskaps och Witterhets Samhällets Handlinger Wetenskaps Afdelningen*, Vol I, 106.
- Pimenta, Fernando; Ribeiro, Nuno; Joaquinito, Anabela; Rodrigues, Félix; Costa, Antonieta e Silva, Fernando (2013) Land, Sea and Skyscape: Two Case Studies of Man-made Structures in the Azores Islands. *Culture and Cosmos*, 17(2), 107-132.
- Ribeiro, Nuno; Joaquinito, Anabela; Pimenta, Fernando; Hristov, Romeo; Ventura, Ricardo; Costa, José; Rodrigues, Félix; Silva, Fábio; Freitas, Ricardo e Costa, Antonieta (2013), *Estudo Histórico Arqueológico sobre as Construções Piramidais existentes no Concelho da Madalena, ilha do Pico*. Madalena, Câmara Municipal da Madalena.
- Ribeiro, Nuno; Joaquinito, Anabela e Pereira, Sérgio (2015), Phoenicians in the Azores, Myth or Reality?. *Proceedings of the 15th SOMA 2011*, Catania, 453-459.
- Ribeiro, Nuno; Joaquinito, Anabela; Pimenta, Fernando; Sauren, Herbert; Rodrigues, Félix; Costa, Antonieta; Pereira, António; Juliano, Manuela; Fernandes, Joaquim; Freitas, Ricardo; Ventura, Ricardo e Tirapicos, Luis (2015), Protohistoric and Historical Atlantic Navigation: Archaeological Evidence from the Azores. *SEAC 2011 Stars and Stones: Voyages in Archaeoastronomy and Cultural Astronomy, Proceedings of the SEAC 2011 conference*, Oxford, BAR Publishing, pp. 64-69.
- Rodrigues, Félix (2015), Megalithic Constructions Discovered in the Azores, Portugal. *Archaeological Discovery*, 3, 51-61.
- Rodrigues, Félix; Martins, Nuno; Ribeiro, Nuno e Joaquinito, Anabela (2015), Early Atlantic Navigation: Pre-Portuguese Presence in the Azores Islands. *Archaeological Discovery*, 3, 104-113.
- Rodrigues, Félix; Madruga, João; Martins, Nuno e Cardoso, Fábio (2018), Dating the cart-ruts of Terceira Island, Azores, Portugal. *Archaeological Discovery*, 6, 279-299.
- Rodrigues, Félix e Costa, Mário (2018), Um Possível Columbário Fúnebre na Ribeira dos Bispos, nos Açores. *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, Vol LXXVI, 289-312.
- Rodrigues, Félix e van Oosten, Henk (2019). Archeologische ontdekkingen op de Azoren. *ARCH, Archeologisch Magazine* (em fase de publicação).
- Rull, Varen; Arantza, Lara; Rubio-Inglés, María; Giral, Santiago; Gonçalves, Vítor; Raposeiro, Pedro; Hernández, Armand; Sánchez-López, Guiomar; Vázquez-Loureiro, David; Bao, Roberto, Masqué, Pere e Sáez, Alberto (2017). Vegetation and landscape dynamics under natural and anthropogenic forcing on the Azores Islands: A 700-year pollen record from the São Miguel Island. *Quaternary Science Reviews*, 159, 155-168.
- Russell, Peter (2000), *Prince Henry “the Navigator”: a life*. New Haven, Yale University Press.
- Sagan, Carl (2012), Um Mundo Infestado de Demónios - A ciência como uma luz na escuridão. Lisboa, Gradiva.

21. HILARINO DA LUZ, CABO VERDE – INVESTIGADOR DA NOVA FCSH E INVESTIGADOR INTEGRADO DO CHAM, FCSH – UNL UAC

TEMA VIDA E OBRA DE JANUÁRIO LEITE, HILARINO CARLOS RODRIGUES DA LUZ, CHAM, DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PORTUGUESES, FCSH, UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Sinopse

Pretendemos, com este artigo, fazer uma breve abordagem da vida e obra do poeta cabo-verdiano António Januário Leite, mais conhecido por Januário Leite. Nascido no Paul, Ilha de Santo Antão no dia 10 de junho de 1867 e falecido no dia 11 de junho de 1930, a sua infância mergulhada num angustiado sofrimento decorreu na propriedade de Chã de Margarida. A sua produção literária, grande parte inédita aquando da sua morte, encontrava-se dispersa, em alguns periódicos, como *Almanach Luso-Africano*; *Revista de Cabo Verde*; *Esperança*; *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*; e *O Ultramarino*. Conta com algumas publicações póstumas, sobretudo *Poesias* (1952 e 2006), *Versos da Juventude* (1987); *António Januário Leite: o poeta além-vale* (2005).

Tendo estudado apenas a instrução primária, Francisco Lopes da Silva considera que talvez a sua poesia “tenha ganho com isso, sem a carga da erudição, pois sai-lhe espontânea, sincera, sentida, como espontânea e sentida é a alma dos simples”. Foram seus professores o Padre Joaquim António Morais e o seu padrinho Luís Francisco Gonzaga dos Santos, Bacharel em Direito, que lhe ensinou a técnica dos versos e os seus aspetos formais. Reconhecia a importância da instrução, o que o fez lamentar com alguma constância o facto de não ter conseguido avançar nos estudos.

Pretendemos fazer uma breve abordagem da vida e obra de António Januário Leite, mais conhecido por Januário Leite. Trata-se de um autor que valorizou a alma em todas as dimensões humanas, mormente na despretensão, visto que nem “*se preocupou em registrar a sua obra para a posteridade. Preocupou-se, entretanto, em dizer o que sentia*” (Sato et Romano in Leite 2005, 21). Nascido no Chã da Margarida, Paul, Ilha de Santo Antão, Cabo Verde, no dia 10 de junho de 1867, era o terceiro filho de João José Leite e de Irene Cândida Ferreira Leite. Teve uma infância e uma entrada na puberdade marcada pela febre palustre. Descreveu a sua terra natal da seguinte forma:

Paul! Ó terra extremosa, / Onde nasce e cresce a rosa / E a laranjeira viçosa / A sorrir à luz do sol. / Tudo em ti é harmonia, / Singeleza e alegria; / Em ti fala a Poesia / Nos cantos do rouxinol. // Em ti mora a Natureza / A mostrar sua riqueza, / Retratada com grandeza / Desde a serra até ao mar. / A viração que perpassa, / Por mais que oculta se faça, / Sempre revela, devassa / Os teus mistérios sem par. // // Em ti brotam diferentes / As águas de mil nascentes, / Despertando ecos dormentes, / Que se cruzam na amplidão. / Tuas frondosas verduras, / Aos beijos das auras puras, / Nos fazem sonhar ternuras / E bater o coração. [...] (Leite, 2006: 77 a78).

De uma família pobre, foi batizado pelo Padre Francisco Casimiro Duarte no dia 14 de junho de 1868. A sua infância “imersa em dolorosa enfermidade” decorreu na propriedade de Chã de Margarida, um recanto bucólico da cidade do Paul. Refira-se que mesmo ao pé desse chã, passa a ribeira que, nos anos da chuva, segundo a linguagem local, se espria pelo vale em direção ao mar, como se nota no poema “Meu Ribeiro”:

Corre, corre eternamente, / meu ribeiro de cristal /, desenrola na corrente / as águas do teu canal. // [...] // O teu murmúrio sentido, / meu ribeiro sem rival, / vai buscar em longe olvido / mil lembranças por meu mal. // Quantas vezes pequenino, / sem desenganos, sem mágoas, / ignorando inda o destino, / me banhei em tuas águas? // [...] // Quando a chuva te engrossava / a corrente murmurosa, / mais ainda me exultava / porque vinhas cor de rosa // Corre, corre enternecido, / que o teu murmúrio sentido / me recorda o meu destino. // Como tu veloz caminha / esta vida de penar; / ela na campá se aninha, / e tu nas ondas do mar! (Leite, 2005:144).

Anuário 2019 colóquios da lusofonia

A sua obra, grande parte inédita aquando da sua morte, ocorrida no dia 11¹¹⁵ de junho de 1930, encontrava-se dispersa, contando com algumas publicações póstumas, havendo a registar *Poesias*, 1952, Associação Académica do Mindelo e 2006, Liga dos Amigos do Paul – AMIPAUL e o Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, *Versos da Juventude* (1987), Edições Paul, de Queluz, Portugal (reeditado por Arnaldo França e pelo Instituto da Biblioteca Nacional de Cabo Verde – IBNCV). Também deixou os poemários *Expansão d’Alma* e *Horas Sombrias*, sendo que ambos estão reunidos na edição *Poesias* (2006). Luís Romano e Maria Helena Sato publicaram *António Januário Leite: o poeta além-vale* (2005). Para a autora Maria Helena Sato,

Examinando alguns poemas que, supomos, tenha escrito em Ecos de Juventude, percebe-se que J. Leite já saíra da infância acompanhado pelo sofrimento, circunstância maligna que o levou à apatia de “não-existência”, em razão da própria natureza que o sonho transformou em fonte envenenada de “horas sombrias de cruéis torturas. Trespasado pelo amor enaltecido na poesia, J. Leite foi vítima de contingências que excederam suas possibilidades humanas e levaram-no ao desespero, ao sentir perdida, como diz, a áurea visão do meu sonhar de glória (2005:31).

Desta feita, numa fase inicial da sua escrita, teve a sua mãe como base temática e de inspiração estética. Por essa razão, Januário Leite dedica-lhe o poema “Saudade”, considerado a “sua obra prima”. A morte levou-lhe a sua mãe, acontecimento que está na base do texto: *Alma mais simples que a flor singela / E coração de rola a mais sentida, / A minha santa Mãe estremecida, / Era um ideal de mãe, tal era ela! // Jamais verei a luz da minha estrela / No céu caliginoso desta vida!... / Que resta à alma, pela Dor vencida, / Nas trevas desta noite de procela? // Somente mil lembranças ... e suspenso, / O eco da sua voz e a soledade... / Ó mãe, se uma balança, como eu penso, // Existe no teu mundo, a Eternidade, / Mãe! Põe dum lado o teu amor imenso / E de outro lado, põe minha saudade!* (Leite, 2006: 21).

No que se refere ao livro *Poesias* (1952), Jorge Barbosa considera que:

Editado pela Associação Académica do Mindelo, foi recentemente publicado o livro Poesias, do malogrado poeta cabo-verdiano Januário Leite. Creio que houve a intenção de se fazer antologia a esta, se porventura não nos trouxe o melhor poeta, conseguiu entretanto mostrar-nos o cantor e o seu lirismo, que era o eco afinal desse lirismo de então, todo imagens decorativas e literárias, para o qual o clima poético da época preparara e estabelecera, num ajustamento de espartilho, os moldes de expressão. (1953: 29).

A saudade foi uma experiência marcante na vida do autor, o que fez com que a sua escrita unisse distintos constituintes que exprimiam o seu sentir romântico e traduzisse a sua conceção da vida. Esta reflexão encontra-se no poema “Dor da Saudade” onde o eu “poemático” também se dirige à sua amada Helena, como se pode certificar na seguinte passagem:

Não sei porque motivo os olhos teus castanhos / estão sempre a chorar, e tu sempre tão. / Nem podes ocultar da vista dos estranhos / o mal que te devora Helena em que consiste?... // [...] // Helena! A vida é um barco e tu a timoneira. / Tu precisas de rir, precisas de cantar!... / Tu, pois, não só para a fremente esteira / que deixa atrás de si a embarcação no mar. // [...] // Saudosa de outros afetos, / os teus olhos seguem retos / outros mundos mais diletos, / sonham talvez outros céus... / Talvez!... talvez o teu pranto / seja a Ventura, porquanto / os que em vida choram tanto, / estão mais perto de Deus! // [...]. (Leite, 2005: 78-80).

A temática da saudade, substantivo caraterístico do romantismo português, é uma constante no panorama literário desse período e aparece ligado ao cultivo do sentimento amoroso que os poetas dessa fase postulam em relação à sua terra natal e isso os leva a cultivar o saudosismo. O momento da perda da mãe fê-lo mergulhar nas “Horas sombrias e cruéis torturas, dispersas através do meu viver”, segundo o próprio, decaindo numa profunda agonia íntima que se metamorfoseia em apatia, para quem observa e guarda a imagem nas suas confissões. Também via a figura maternal como sendo uma amiga detentora de um amor verdadeiro, daí ter comparado a mãe ao “anjo do céu” porque cria o filho nos braços e sem ela a vida seria uma tristeza, como se nota no poema “Mãe”:

Mãe!... é nossa santa amiga, / que os pesares nos mitiga / com um só dos seus olhares! / É tão grande o seu amor, / como o dia o fulgor / n’amplidão dos céus e mares! // [...] // Mãe!... é um anjo do céu / que o Senhor ao homem deu / para alívio do seu mal! / Mãe, cria o filho nos braços / e depois lhe end’reça os passos / na senda da sã moral! // [...]. (Leite, 2005: 159).

Januário Leite colaborou em alguns periódicos, como *Almanach Luso-Africano*, *Revista de Cabo Verde*, *Esperança*, *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, e *O Ultramarino*. Tendo estudado apenas a instrução primária, devido as precárias condições económicas dos seus pais, a sua poesia perdeu a erudição dos outros poetas da sua geração e ganhou a sinceridade e o sentimento. No poema “Escola à antiga”, o poeta dá-nos a conhecer algumas caraterísticas de um professor que, de “óculos no nariz”, se senta com uma pesada palmatória ao lado. Há um desentendimento entre ele e o aluno, sendo que este o chama de “burro”. Tudo se dá numa aula de história que tinha como temática D. Pedro V:

Os óculos no nariz, bem cimentado / por densa massa de rapé imundo, / o rosto ora boçal, ora jacundo, / de tímidas crianças rodeado, // antigo professor está sentado / no meio dum silêncio o mais profundo, / solene aspeto – de aterrar o mundo, / pesada palmatória sempre ao lado. // A lição é de história. Já casmurro, / o mestre puxa a caixa de rapé. / O aluno lê: Dom Pedro quinto... um murro! // A tosca mesa abala!... o aluno em pé / encara o mestre... Que disseste, burro? // D...Pedro...V!... - D. Pedro V é que é!... (Leite, 2005: 117).

Foram seus professores o Padre Joaquim António de Moraes e o seu padrinho, bacharel em Direito, Luís Francisco Gonzaga dos Santos, que lhe ensinou a técnica dos versos e os seus aspetos formais. Neste sentido, chora a morte de Luís Francisco Gonzaga no poema “Lágrimas”, com a dedicatória “Pela morte do seu padrinho dr. Luís Gonzaga”. Defende que a morte, fenómeno natural e comum a todos os homens, fez com que chorasse a partida do seu mestre, um acontecimento que se deu de forma prematura. Paul chorou a morte de um homem cheio de forças, generoso, republicano, nobre e humilde. Por essa razão, acredita na possibilidade dele se encontrar a desfrutar de uma “boa aventura” ao pé de Deus, como se nota na seguinte transcrição:

Musa da morte, que ao passar assiste / dos grandes homens, desgrenhada e triste: chora! que eu choro de Gonzaga a morte [...] / Paúl! ó Pátria, chora o teu conforto! / chorai, paulenses, porque o mestre é morto! // Guia do bem e do tirano açoute! // Fanal brilhante em procela noute! // [...] / Ali vivia, como em claustro o monge / do mundo ingrato, vive humilde e longe, / com Deus e a natureza! / Foi sempre grande, generoso e nobre / mas tantas luzes hoje a campa cobre, / como ela cobre tudo! // [...] / Se a outra vida existe além da morte, / [...] / se a crença for verdade, / e ele, eternos louros lá nos céus / a bem aventura aos pés de Deus, / por toda a eternidade! (Leite, 2005: 88 a 89).

O autor, em apreço, um homem autodidata, ilustrado, defensor da instrução e com uma obliquidade para o livre pensamento, lamenta o facto de não ter avançado nos estudos. Neste sentido, projetou a possibilidade de frequentar o Seminário Liceu da Ilha de São Nicolau, uma possibilidade que não se concretizou por razões económicas dos seus pais, conforme referimos anteriormente. Veja-se a seguinte passagem do poema “Recordação”:

Minha mãe me disse um dia, / – rapazito ingénuo e doce: – / Filho meu, se rica fosse, / um doutor eu te faria. // Como, mãe? disse eu zangado, / Hei de ter só por escola / A mesquinha e triste esmola / que o povo concede o Estado?! // Não! Irás ao Seminário, / Minha avó disse em seguida, / E terás bonita vida: / De Jesus Cristo, vigário! // Ser padre, Nhanda?!... Essa é boa! / Padre, não! Disse eu zangado; / Hei de ser, então, soldado, / já que não vou a Lisboa! // [...] // Fico a lembrar esta cena, / Longínqua, do meu passado, / não me dói padre ou soldado; / Da carta só tenho pena! (Leite, 2006: 107 a 108).

O dito Seminário Liceu da Ilha de S. Nicolau foi criado no dia 3 de setembro de 1866, a pedido do bispo da diocese do arquipélago, D. José Luís Alves Feijó. Começou a funcionar, em dezembro desse mesmo ano, com um professor de canto e ritos, dois professores de Filosofia e Latim, dois professores da metrópole e um professor de teologia transferido em 1869.

¹¹⁵Arnaldo França defende que o poeta morreu no dia 11 de junho e não no dia 10. Argumenta essa posição referindo que extraiu os dados do nascimento e da morte do autor do “assento de batismo e do registo de óbito cujos textos, ainda que elaborados há muitos anos, se encontram em bom estado de conservação”.

Anuário 2019 colóquios da lusofonia

Tinha o propósito de admitir alunos destinados à vida religiosa e minimizar a falta de liceus, onde os alunos que tivessem predisposição para a vida religiosa, conseguissem prosseguir os estudos secundários e receber educação científica ou preparar-se para os estudos superiores. Formou muitos jovens intelectuais que vieram a desempenhar cargos nas instituições nacionais, nomeadamente como religiosos, ou que foram grandes escritores, poetas e que ingressaram no ensino universitário na metrópole.

Maria Helena Sato e Luís Romano julgam que o poeta não frequentou o Seminário “*devido ao seu precário estado de saúde, fustigado pelas febres [...]*. Por isso, teve professores eficientes, que lhe ministraram uma sólida instrução de base, enriquecida pelos próprios meios, o que se depreende de sua poesia” (Sato et Romano in Leite 2005:32).

O poeta fala da intriga, do paludismo e da debilidade da sua saúde como estando na base da perda da sua juventude. Veja-se o poema “No Lar”:

Sai dum centro desleal e rude, / onde só reina intriga e o torvo egoísmo; / forçou minha saída o paludismo / o mal que débil tem minha saúde. // Na paz de solidão, onde há virtude, / me acolho enfermo e com tristeza eu cismo, / mirando o fundo e progressivo abismo / onde jaz morta a minha juventude! // [...] / (Leite, 2005:121).

Nesta perspetiva, a sua vivência é marcada por momentos sombrios, cruéis, tortuosas, amarguradas, ocorrências dignas de uma pessoa que vive uma provação. Há uma clara necessidade de se ajoelhar e suplicar uma redenção invisível:

Horas sombrias de cruéis torturas, / dispersas através do meu viver; / disse-me que venturas, que prazer, / compensar pode as vossas amarguras?... // [...] // A taça, horas fatais, dai-lhe a levar, / que parte d’alma foi, parte sagrada / e vai com ela a Deus se ajoelhar! (Leite, 2005: 167).

Deste modo, em sinal de agradecimento ao seu professor o Padre Joaquim de Moraes, escreve o poema “Gratidão”, dedicado “Ao Rev.mo Sr. Padre Joaquim António do Moraes”:

A instrução, Padre, é o Sol da vida! / Desvenda a alma e nos prediz ventura, / Porque nas dores dum cruz, fulgura, / Alenta a fé, se foge enfraquecida! // Quantos mancebos com a luz perdida, / Na senda ingrata desta vida impura? / Quais pobres cegos, vão em noite escura, / Curvada a frente, que ficou despida! // Eu que somente dessa estrela infinda, / Na sorte coube-me um subtil clarão, / Que tu me deste na missão mais linda... / Graças te dou!... E nesta inspiração, / Ao afinar da lira, cedo ainda, / Te trago um canto, ó mestre, em gratidão! (Leite, 2006:23).

Trata-se de um texto onde o poeta compara a “instrução” com o “Sol da vida”, uma vez que ela ilumina a todos. Agradecendo ao seu mestre, afirma ter sido “um sortudo”, já que na presença de “mancebos com luz perdida” coube-lhe “um subtil clarão”. Portanto, apesar de tudo, Januário Leite tinha instrução, tal “luz da vida”, que muitos não possuíam e viviam “em noite escura”. A elite cabo-verdiana estava ciente desse problema. Para o debelar apelava ao investimento por parte da metrópole, com o propósito de melhorar as condições de formação escolar da província, um assunto que seria retomado por Jorge Barbosa em “Notas sobre a instrução primária”:

Bom seria que imitássemos em Cabo Verde, senão que seguíssemos, o propósito do Governo Central de em futuro próximo reduzir a nada, ou a um mínimo inevitável, o índice de analfabetismo na Metrópole. [...]. Quem tem reparado no tradicional drama escolar dos filhos da nossa pobreza rural, a mais desamparada de todos? Drama quotidiano dos longos percursos, a caminho das aulas. Drama heroicamente suportado e superado pelo muito desejo que que as crianças das ilhas têm de saber ler e escrever. (Barbosa, 1953:25).

As atribulações na vida de Januário Leite começaram ainda muito cedo, sobretudo quando passou a alimentar um amor impossível por Helena Pires, sua prima, filha de Margarida Leite Pires Ferreira, a quem dedica o poema “Diversões”:

Quando à tardinha se descora o dia / E já na serra vai o Sol velado / Ouço soar o som da Avé Maria, / Em voz tremida, divagar pousado; // Tenho saudades, que me acorda na alma, / Gratas lembranças de uma idade pura, / Quando criança com tranqüila calma, / Ouvia-lhe o som meigo a sonhar ventura ! [...] / (Leite, 2006: 126 a 127).

Trata-se de um amor obstaculizado pela referida pobreza de um poeta que, tímido na vida e na expressão dos seus sentimentos quase platónico, revela um espírito mais abúlico e contemplativo do que um homem de ação. Francisco Lopes da Silva considera que “A nada reage: mesmo se repudiado ou enganado pela mulher amada, quase se transforma num masoquista, frente à recusa ou à infidelidade do objeto do seu amor” (Silva 1991, 14), como se nota no poema “Guida”:

Eu nunca a Guida julguei ser cadela / porque passava em sua aldeia obscura / por uma moça muito honesta e pura, / tida por to dos inda donzela... // Foi mais que amor que senti por ela; / foi na verdade quase até loucura; / sonhei colher nas ânsias de ventura / dessa virtude a virginal capela... // Bem tarde vejo que figura d’urso / fiz nessa cena namorando a Guida, / p...matreira de já velho curso!... [...]. / (Leite, 2006: 49).

Neste sentido, Januário Leite, um escolhido pela maldição, foi acompanhado pela existência de um sonhador. Provido de uma essência romântica, o amor e o álcool (aguardente) estiveram na base da sua tragédia existencial, reflexos temáticos que se encontram na sua escrita. Assim, “[t]respasado pelo amor enaltecido na poesia, J. Leite foi vítima de contingências que excederam suas possibilidades humanas e levaram-no ao desespero, ao sentir perdida, como diz, a “áurea visão do meu sonhar de glória” (Sato et Romano in Leite 2005, 31).

Muitas vezes, sustentados numa certa ambivalência entre a sensibilidade de um visionário e de um filósofo, encontramos nos seus textos um sortilégio sincero de uma exaltação vítrea. Também nos deparamos com o reflexo de um filósofo amargurado que nos surge à mente, “*com o desenrolar de tanta profundidade em conceitos imbuídos de neurastenia e anseios, revelados na maior parte da sua poesia, que temos de admitir que Januário Leite procurou ou desejou a morte para se libertar da dor*” (Sato et Romano in Leite, 1988, 5).

Ora, tratando-se de um grande cultor do soneto, a sua poesia é impregnada pela metáfora, uma figura de linguagem que produz sentidos figurados por meio de comparações implícitas, e figuras como assonância, que consiste na repetição sistemática de um mesmo fonema consonantal e a aliteração, caracterizada pela repetição de fonemas vocálicos, do penumbrismo típico dos simbolistas com forte influência de *As Flores do Mal* de Charles Baudelaire (Sato et Romano in Leite, 2005), conduzindo o sujeito lírico de Januário Leite a subverter a contemplação do mar:

Quando eu contemplo suas mansas plagas, / Que vão perder-se no horizonte infindo, / E branca vela sobre as suas vagas, / Qual branco cisne a espanejar, fugindo, // [...]. Mas quando do seu leito vasto e fundo / o vejo erguer-se em fúrias desmedidas, / Titão que acorda, amedrontando o mundo, / tigre esfaimado que só pede vidas... // E sobre o dorso das medonhas vagas / vejo pairar a vela com receio, / Então exclamo, vendo as suas plagas: / Senhor! Senhor! como o mar é feio! (Leite, 2006:79).

O pessimismo ultrarromântico dos autores do mal do século é um tema recorrente na sua escrita, como se nota no poema “Biografia”:

Imersa em dolorosa enfermidade, / A minha infância vi correr obscura: / Só vendo a paz em sonhos e aventura, / Chorando, atravessei a mocidade. // Por toda a parte a negra adversidade / E sempre a minha estrela infausta e dura, / Eu creio estar ao pé da sepultura /, A porta que conduz à Eternidade!” // Saúdo-lhe as trevas com a fé do forte, / Porque ela é minha pátria prometida / Onde acabar deve o poder da sorte. // Ó Ser dos seres, com a frente erguida, / O jus me calha caiba de dizer à morte: / Abre-me os braços! Sê-me tu a vida! (Leite, 2005: 179).

É de salientar que o ultrarromantismo foi um movimento literário da segunda metade do século XIX, que tinha como principais características a liberdade criativa do humano superior (o conteúdo era mais importante que a forma); o tédio constante, a morbidez, o sofrimento, o pessimismo, o satanismo, o masoquismo, o cinismo, a autodegeneração; a fuga da realidade; a desilusão adolescente; a idealização do amor e da mulher; o saudosismo; e a obsessão pela morte. O mal do século, referido anteriormente, foi uma expressão, original que Chateaubriand usou como tópico literário para se referir à crise de crenças e valores desencadeada na Europa do século XIX, sobretudo no contexto do romantismo.

Trata-se de um sentimento de decadência, de tédio, de desilusão, de melancolia, de inutilidade e futilidade da existência, que afetou os jovens dessa época. Nesta ótica, o apego à morte, uma outra característica do ultrarromantismo que aparece na poesia do autor e o desejo de a versar são trabalhados à exaustão. Ela aparece relacionada ao momento de transição de uma condição somenos e unicamente peculiar, individual (o sofrimento, a dor anímica) a outro superior (o amor e a justiça), tudo isso no âmago de uma tese que se ordena por fases preferentemente conclusos e soberanos, numa clara apropriação dos três ápices dialéticos hegeliano: o primeiro momento (a tese) corresponde ao axioma; segundo momento (a antítese); e o terceiro momento (a síntese) corresponde ao teorema, um resultado necessário.

Anuário 2019 colóquios da lusofonia

Autodidata, “poeta de rara sensibilidade”, conforme refere Rosendo Pires Ferreira, Januário Leite foi ourives na Ponta do Sol, professor primário no sítio de Baboso, por cerca de dois anos, e faroleiro em São Vicente. Republicano convicto, ainda em plena monarquia, pertenceu ao grupo de homens que foram acusados de instigar os tumultos de 1886, “por causas de natureza fiscal”, e a revolta de 1894, na ilha de Santo Antão, “na altura de eleições legislativas e na sequência da extinção do Concelho do Paul”. Tendo sido preso com trinta e dois companheiros, é dessa época de reclusão que data um dos seus poemas “Oito Dias”, em que denuncia a situação de injustiça de que tinha sido vítima. Inicia o texto dizendo “...mandará ... intimidar o Ministério Público para oferecer o libelo acusatório no prazo de oito dias”:

Oito dias!... oito dias!.../ Prazo infinito! fatal! / Oito dias, sempre elásticos, / Cheios de tédio mortal! // Oito dias não findam! / Sempre a crescer... a crescer... / Após oito, vem mais oito, / E tanta gente a sofrer!... // Sois malditos, oito dias! / Sois sombrios! Sois cruéis! / Sois um negro pesadelo / Quando se fala em papéis! / [...] // Oito dias!... oito dias!... / Sempre longos, sempre insanos / Teia infinita nos urdem / Lá fora os nossos tiranos / [...]. (Leite, 2006: 129 a131).

Não se sabe ao certo quanto tempo durou a sua prisão nem qual foi a sentença resultante. Existe “*um pesado e copioso silêncio sobre este assunto, de capital importância no julgamento histórico da sua personalidade sociopolítica*” (Sato et Romano 2005, 48) o que o fez publicar em sua defesa o artigo “A minha demissão”, no n.º 8 do jornal *A Liberdade*, do dia 21 de junho de 1902:

Como prelúdio do vasto assunto que eu vou expor à apreciação dos poderes superiores, do povo de Cabo Verde [...] peço-lhe a publicação d’estas breves linhas no seu jornal, que, em tão boa hora, aparece a advogar a santa causa dos pequenos, perante a injustiça e os despotismos dos grandes. [...]. Ora, todo o funcionário público está sujeito a revezes e a calúnias muitas vezes ignóbeis, sobretudo quando se tem por inimigo indivíduos sem caráter e sem moral, que não recuam perante meio algum para satisfazerem o ódio. Não me assombra, por José Lino Coelho ou coisa semelhante ser envolto n’um exemplo: ser caluniado por uma trama qualquer, sofrer incómodos etc. porque a verdade é sempre luz, e a luz há de por fim brilhar (Apud Leite 2005, 48-51).

Apesar de ter apresentado esta carta em sua defesa, Januário Leite não foi reconduzido no seu cargo de docente, momento que aumentou o seu calvário económico, uma situação que piorou com a morte da sua “Santa Mãe”. Portanto, com um imaginário quase alucinado, passa a peregrinar sem repouso, sem a força mental que lhe permitisse suportar a dor da perda, contra a qual exclama incrédulo no poema “Morta”:

Morta!... Ei-la morta!... Ó mãe, que atroz decreto / levou-me do teu lado, longos anos, / do mundo submetido aos desenganos, / órfão do teu imenso e puro afeto... / [...] / Não foi o teu pedido respeitado!... / e longe dela dormes esquecida, / Ó mãe, em que maldito descampado! (Leite, 2005: 170).

Assim, a morte, por vezes, causa a “dor da Saudade”, termo extraído de um poema do autor com o mesmo título. Passa a interessar-se pelo Universo, no qual entrevia o invisível que fazia da Terra um átomo, como se pode ler no poema “Deus”:

Não crer na igreja nem nos seus preceitos / não é descrever de Deus, pelo contrário, / foi sempre o são critério refratário / às forças clericais e preconceitos... // Acreditar na Bíblia e em tantos feitos / dum ser quase invisível, sanguinário, / que se fazia ouvir dum santuário / ditando as suas leis aos seus efeitos... // [...] // Pois sendo a Terra um átomo, tal qual, não cabe o Deus que eu penso, / Autor da Natureza Universal (Leite, 2005: 127).

Dessas reflexões resultaram momentos de dúvidas que ele ia assinalando, daí ter dito: “E crer, mais tarde, que esse “*Deus imenso / Enviasse à Terra um filho, um Deus igual, / não quadra, com franqueza, a todo o senso!*”. Há, ainda, com ele, a valorização de uma certa negatividade e do questionamento do homem, essa “pretensiosa criatura que” não passa de um “*nada*”, como se pode ler no poema “Humanidade”, um texto onde se nota o seu desencanto com o mundo:

Lastimo o nada desta vida escura, / tão cheia de ignorância e de vaidade; // a vida da chamada – Humanidades – / que por momentos ou instantes dura. // [...] // Abre os teus olhos, Homem, vê a fundo / o que és e o que te cerca; tudo é peta: / és nada, como nada é o teu mundo! // Um grão d’areia num Saara sem meta, / ou gota d’água sobre o mar profundo, / tem mais valor que a terra... o teu planeta! (Leite, 2005:174).

Com a assunção do seu questionamento do Universo, passa a abordar o espiritismo, uma temática resultante do Racionalismo Cristão, uma filosofia espiritualista codificada por Luís de Matos em 1910, ano da sua fundação no Brasil. Com a designação, até 1940, de Espiritismo Racional e Científico Cristão, S. Vicente foi a primeira ilha a receber esta filosofia e tem sido o seu principal dinamizador no arquipélago de Cabo Verde. Nesta linha de pensamento, Januário Leite aborda a adesão do Cónego Teixeira ao Racionalismo Cristão, como se nota no poema “A um ex-vassalo do papismo”:

Padre eras... como tal, vassalo do Papismo, / potência que viciara o credo do Messias; / e vendo que era errónea a crença que seguias, / convicto, te abraçaste ao puro Espiritismo. // [...] // Mas tua causa é santa, ó padre, por sinal / um dia triunfará... será da humanidade: / ciência e religião... o credo universal! (Leite, 2005:126).

Em suma, diríamos que o Cónego Teixeira, foi um “*homem devotado à instrução popular, e nisso herdeiro de espírito das Luzes*”. Foi, igualmente, “*um oficial da religião do Estado e um temperamental dado à polémica pública*”, segundo João Vasconcelos (Vasconcelos, 2011: 113).

Referências bibliográficas

Barbosa, Jorge (1953). “Nota sobre Januário Leite”. *Cabo Verde*, 40, 29.

Barbosa, Jorge (1953). “Notas sobre a instrução primária em Cabo Verde”. *Cabo Verde*, 51, 25-27.

Leite, António Januário (org e pref. de Arnaldo França) (2006), *Poesias*. São Vicente: Gráfica do Mindelo,

Leite, António Januário (pesq. e antol. de Luís Romano et apr. org. Maria Helena Sato) (2005), *António Januário Leite: o poeta além-vale*. Campinas: Editora Komedi.

Luz, Hilarino (2013). O imaginário e o quotidiano cabo-verdianos na produção literária de Jorge Barbosa. Tese de Doutoramento apresentada à FCSH-Universidade Nova de Lisboa.

Monteiro, Félix (1991). “Homenagem à memória de Januário Leite: palestra proferida no salão nobre da Câmara Municipal de São Vicente em 8-6-90”. *Artilhetra*, 3, 9.

Morais, João (1991). “Santo Antão e as febres de infância de Januário Leite”. *Agaviva*, 1, 15.

Romano, Luís (1988). “O perfil poético biográfico de António Januário Leite”. *Terra Nova*, 144, 4-6.

Silva, Francisco Lopes da (1991). “Lembrando Januário Leite”. *Notícias*, 35, 14-15.

Silva, Francisco Lopes da (1992). “No sexagésimo segundo aniversário da morte de Januário Leite in *memoriam*”. *A Semana*, 58, 13.

Vasconcelos, João (2011). *Histórias do Racionalismo Cristão em São Vicente de 1911 a 1940*. São Vicente: Tipografia de São Vicente.

22. JORGE ARRIMAR, ESCRITOR, ANGOLA CONVIDADO

TEMA “A GEOGRAFIA DA ESCRITA” JORGE ARRIMAR

Agradeço o convite que me foi endereçado pelo Chrys CHRYSTELLO, o organizador destes encontros da lusofonia com origem nos Açores. Os meus Parabéns pela iniciativa que já vai na 32ª sessão, desta feita a ter lugar nesta graciosa ilha, onde não tinha a graça de estar desde 2002.

A geografia da escrita, da que me nasce das mãos quando o coração sangra, encontra-se enraizada em lugares, povos e culturas, cujas fronteiras sempre me soube bem atravessar ou romper. Como diria Mia Couto “O meu país tem países diversos dentro [...]. Eu mesmo sou a prova desse cruzar de mundos e de tempos.” (Mia Couto - “Encontros e encantos [...]”. *Interinvenções*, p. 123)